

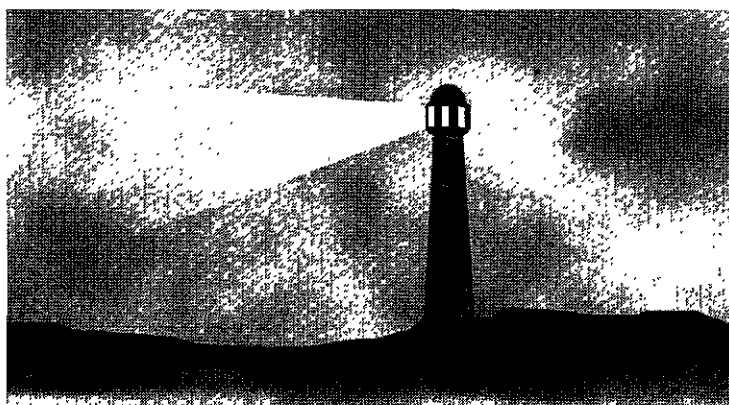
AVISO AOS NAVEGANTES

Jarbas Passarinho

No passado, havia um programa de rádio "Aviso aos Navegantes" dirigido às embarcações em navegação de cabotagem. A irreverência carioca logo aproveitou-o para fazer irônica advertência a quem corria perigo, especialmente aos políticos.

A leitura do livro *In The Stream of History*, de autoria do ex-secretário de Estado norte-americano Warren Christopher, publicado em 1998 pela editora da Universidade de Stanford, fez-me lembrar o "Aviso aos Navegantes". Trata-se, em boa parte, de discursos que ele pronunciou no exercício da Secretaria de Estado. Detive-me preferencialmente em dois deles. Um, sobre a política externa e os direitos humanos; outro, sobre a diplomacia americana e o meio ambiente. O primeiro, pronunciado na Conferência Mundial de Direitos Humanos, em 1993, em Viena, pode ser resumido nesta frase: "Nossa agenda para a liberdade abraçará cada prisioneiro de consciência, cada vítima da tortura, cada indivíduo a quem sejam negados os direitos humanos básicos". Levantada uma ponderação de que num mundo social, política e culturalmente tão diversificado não poderia haver um padrão comum para direitos humanos, Christopher foi duro na resposta: "Podemos permitir que esse relativismo cultural venha a ser o último refúgio da repressão". Aí está o que, partindo de uma declaração de princípios, resultou recentemente na intervenção na Iugoslávia, por causa da brutalidade sérvia da limpeza étnica que atingiu o nível do genocídio.

Percutindo o tema ecológico, ao dirigir-se aos alunos da Universidade de Stanford, da qual foi aluno em 1946, o secretário não usou de eufemismos. Disse que os interesses americanos estavam inextricavelmente ligados à



maneira pela qual os recursos naturais do mundo eram administrados. "A degradação do meio ambiente — disse ele — causa um profundo impacto nos nossos interesses sob duas formas. Primeiro, porque seus efeitos não respeitam fronteiras e oceanos, podendo ameaçar diretamente a saúde, a prosperidade e os empregos dos cidadãos americanos. Segundo, porque a agressão à ecologia, danificando recursos naturais, é nociva à própria estabilidade econômica e à busca de nossos objetivos estratégicos no mundo".

Da definição em termos gerais, passou a dar os exemplos concretos: milhares de americanos já perderam seus empregos devido à pesca predatória nos oceanos, e os gases (Co2) liberados para a atmosfera pela queima das florestas, causando o efeito estufa, afetam a saúde e o clima dos americanos e podem causar perdas de bilhões de dólares com o aumento do nível dos mares.

O crescimento desordenado da população mundial levou-o a uma constatação preocupante: "Decorreram 10 mil gerações para a população mundial chegar a 2 bilhões de criaturas, enquanto numa só geração (a dele, Christopher) a população mundial chegou a 5 e meio bilhões". Não reproduziu o pessi-

mismo de Malthus, mas salientou o fato de que isso está exercendo enorme pressão sobre os recursos naturais globais. Uma admoestação para o Terceiro Mundo, campeão da taxa de natalidade.

No que tange ao meio ambiente, a linguagem cresce de objetividade. Queixa-se de que o desmatamento das florestas está causando a eliminação de inúmeras espécies de animais e plantas, muitas de valor para a agricultura e a medicina, biodiversidade que viu na Amazônia, e que entre 1960 e 1990 as queimadas das florestas do mundo diminuíram o equivalente à metade de toda a superfície dos Estados Unidos. Concluiu que a política exterior americana tem que ter abrangência mundial, porque a poluição não respeita fronteiras. Então o secretário passa à ameaça. Restaura a diplomacia do big stick dos tempos de Theodore Roosevelt: "Para levar a cabo a política externa americana em assuntos de poluição de nosso ar e da água, que ameaçam nossa saúde e nosso futuro, a política externa americana usará, sem dúvida, de nossa diplomacia apoiada por fortes forças militares (backed by strong military forces) para neutralizar as ameaças tradicionais e continuadas à nossa segurança,

assim como as novas como o terrorismo, o tráfico de drogas e os crimes internacionais".

Não consta do livro a declaração pública e reiterada de Warren Christopher de que em matéria de direitos humanos violados e de meio ambiente degradado não há soberania absoluta, mas a frase se contém, na sua essência, no texto do livro citado. A Iugoslávia, no caso de Kosovo, dada a brutal violação da etnia albanesa, deu à Otan a chance para usar o chicote do chamado "imperialismo dos direitos humanos", e a justificativa para o direito de ingerência, que não respeita a soberania das nações.

Não temos nada sequer parecido no Brasil. Não temos etnias massacradas, nada que lembre os curdos no Iraque e na Turquia, os tutsis em Ruanda ou os bascos na Espanha, mas a predação das matas e o dano à biodiversidade afetam os direitos próprios e externos. Na Amazônia, milhares de serrarias atuam hoje sem a menor preocupação com o reflorestamento. A essa atividade predatória somam-se as madeiras estrangeiras que chegam vindas do Sudeste asiático que devastaram. Compram 60% das toras ilegalmente abatidas pelos "cupins" da floresta. Afetam a competição das empresas respeitadoras do manejo racional. Corrompem, brancos, mestiços e índios. Iludem o fisco e abrem indiretamente feridas irreversíveis na mata. Os brasileiros somos, é claro, os principais prejudicados, mas, já que a política de meio ambiente não respeita fronteiras, e que a soberania não é absoluta, na concepção da política global, que fique o aviso aos navegantes...

■ Jarbas Passarinho, presidente da Fundação Milton Campos, foi ministro de Estado, governador e senador